

## A DEUSA INTERNET PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO

Há um temor de que em breve as palavras do ritual cristão sejam modificadas. Dirigindo-se aos fiéis, o sacerdote proclama: “*A paz do Senhor esteja sempre convosco*”. O Povo de Deus responde com unção e piedade: “*O amor de Cristo nos uniu*”. Pelo uso indiscriminado dos computadores e smartphones, pela sua inseparável companhia em diferentes momentos e ambientes, até nas igrejas, vem o medo de um dia o celebrante desavisada ou propositadamente saudar os participantes de uma cerimônia religiosa, nestes termos: “*A Internet esteja sempre convosco*”. A que responderá com fervor a assembleia: “*A Web aqui nos reuniu*”.

Verifica-se que os hábitos dos seus usuários das redes vão substituindo pouco a pouco os costumes e gestos religiosos. Não raro, em casa ou no restaurante, busca-se uma mesa tranquila para as refeições. Em lugar das orações iniciais, toma-se o celular e faz-se, não o sinal da cruz, mas aquele que desbloqueia o smartphone, numa concentração e silêncio, como se colocassem diante do transcendente para orar. Na verdade, muitos acreditam que ali não estão diante de um simples aparelho eletrônico, mas do infinito, como o Deus dos cristãos e outras religiões. Colocam-se, não na presença do Criador, mas da divindade da Internet. As pessoas tornaram-se suas ovelhas e o mundo seu rebanho. Vive-se a idolatria de um novo deus.

Os católicos de rito oriental e os ortodoxos afirmam que os ícones bizantinos são janelas, que parecem abrir para o eterno. Para eles, não é o fiel que contempla o ícone, mas este que o olha. De modo análogo, na tela do celular – qual um objeto sagrado – não é apenas o usuário, que observa algo, mas aquele que está no outro lado (virtualmente no aparelho), que o admira, como Deus vê os seus filhos. No espaço do universo digital, o tempo é outro, é simulacro do kairós, isto é, da graça divina e não da cronologia. O celular torna tudo atemporal e na virtualidade acaba com o espaço e a distância. Assim, por causa desse “abençoado” aparelho, o que é o passado, se tudo pode retornar ou ser reprisado? O que vem a ser futuro, vez que é possível conjugar informações e tecer prospecções relativamente seguras? O que é distância, se alguém pode alcançar léguas e milhas, terras longínquas e desconhecidas, como se estivessem, ao lado?

E assim, na conectividade, tem-se a ilusão de presença e comunhão. Se os membros dos grupos das redes sociais não chamam a todos de irmãos, ao menos os rotulam de “amigos”. Há os seguidores – uma espécie de discípulos – e nesse seguimento pensa-se ser “*pescador de homens*” na rede mundial de computadores. Há religiosos que assim consideram como anúncio do Reino de Deus e afirmam: “*Tenho mais de dez mil seguidores*”! Conectados, sem crítica e análise, compartilham pensamentos, ideologias, preconceitos, iras, paixões, risos e intolerâncias. Não se está sozinho (mesmo isolado no quarto), em suas opiniões e apreciações. Pouco a pouco, a família e a comunidade se degradam.

Talvez num futuro não muito distante, as palavras do salmista sejam deturpadas em “*O Google é meu pastor [me dá o pasto], nada me faltará!*” (Sl 23/22, 1). Através dele, chega-se à informação desejada, seja para ler e copiar aquilo que se quer, ou para ver o que os outros já disseram. Eis a árvore do conhecimento do bem e do mal, bonita aos olhos e desejável ao paladar, já preconizada no Gênesis (cfr. Gn 2,17).

Antes de comer, como num ato de ação de graças, rende-se tributo à Internet em fotos para o Instagram etc. A comida é fotografada com a mesma reverência de quem se persigna piedosamente, antes da refeição. Os dedos deslizam como num rosário ou terço. Vez por outra, faz-se um exame de consciência, buscando o rosto. Cecília Meireles já aludia em seu poema “Retrato”: “*Em que espelho ficou perdida a minha face?*”. Antes de dormir, muitos veem seus últimos “*posts ou selfies*”. E assim rezam: “*Com a Internet me deito, com a Internet me levanto, graças ao wi-fi e a 4G. Amém*”. As palavras bíblicas ficam esquecidas: “*Eu sou o Senhor e outro não há. Não existe Deus fora de mim*” (Is 45, 5).